



IEN

SIGNIFICANDO

Roberto Tranjan

O que a inteligência natural pode aprender com a inteligência artificial?

Uma pergunta instigante, esse foi o tema da nossa última Roda de Significado. Coloca o criador (a inteligência natural) como aprendiz da criatura (a inteligência artificial).

Embora à primeira vista possa parecer, não é sem sentido. No clássico livro “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson, o personagem Dr. Jekyll, um competente médico inglês, vai, aos poucos, se afastando do convívio social, enquanto, sobre ele, o mórbido Sr. Hyde exerce uma influência cada vez maior. Aos poucos, a criatura - o monstro - vai se apoderando do criador - o médico.

Estranho? Impossível? A seu tempo, embora fosse uma obra de ficção, nenhum de nós imaginaria que muitas das previsões da série de animação Os Jetsons se tornariam realidade: os robôs, as viagens à Lua, o vídeos chat etc.

Assim como a explosão tecnológica pôs fim à revolução industrial com o ápice da produtividade na economia das coisas, a IA (inteligência artificial) surge como última etapa da revolução informacional na fronteira da economia das coisas com a economia das gentes. Para ficar mais claro: nenhuma outra invenção cibernética aproximou tanto a máquina do ser humano.

A IA é um conjunto de tecnologias para aplicações multidisciplinares. Permite ao ramo da computação elaborar sistemas capazes de simular o raciocínio humano. Foi projetada para aprender, raciocinar, tomar decisões, resolver problemas. No princípio, cuidaria das hard skills, ou seja, habilidades e competências técnicas. Agora, anuncia-se que também pode desenvolver soft skills, ou seja, habilidades e competências comportamentais, como o pensamento crítico, a assertividade, a criatividade e a inteligência emocional. De fato, uma criatura muito poderosa, para além dos muitos criadores.

Uma viagem no tempo

Embora se considere que a explosão tecnológica e a invenção do computador tenham dado início à revolução informacional, esta já havia dado o ar da graça no século XV, quando o alemão Johannes Gutenberg desenvolveu a **primeira máquina de impressão**, viabilizando a produção de livros.

1ª

A Bíblia foi o primeiro livro impresso, com tiragem de 300 exemplares. Ainda que pequena, foi uma grande arrancada para algo que, antes, se resumia a volumes únicos. A partir daí, a nova tecnologia espalhou-se rapidamente por toda a Europa e, mais tarde, pelo mundo.

O conhecimento não era mais monopólio das elites. A produção em massa de livros e a disseminação de informações tornou-se rápida e acessível.



2ª A criação da prensa por Gutenberg foi, portanto, a primeira democratização da informação. A segunda foi a **invenção da estante**. Parece cômico, mas o móvel decorativo das salas de estar fez com que aumentasse muito a produção e o consumo de livros. Ainda elitizado, o livro já fazia parte dos ambientes de convívio.

3ª A terceira democratização da informação foi a **criação das bibliotecas públicas**, permitindo a grande parte da população o acesso às obras, principalmente nas cidades de interior onde não existiam livrarias. Ao proporcionar estudos e leituras a todos, nelas muitos estudiosos e intelectuais construíram o seu saber, ultrapassando o fato de não terem condições financeiras para adquirir livros.

4ª Todas essas etapas aconteceram antes da existência do **computador**, que surgiu na década de 50 do século passado. Sua capacidade de armazenamento e, mais tarde, o formato portátil, tornaram a informação acessível em qualquer tempo e lugar.

5ª Nem é preciso comentar o grandioso salto quântico entre uma e outra etapa, mas é na quinta democratização da informação que a **internet** abre espaço para a Babel digital em que estamos inseridos.

É quando Sr. Hyde começa a exercer influência sobre o Dr. Jekyll.

Vivemos revoluções

Se a automação do trabalho físico e braçal foi a tônica da revolução industrial, a automação do raciocínio e do trabalho intelectual é a tônica da revolução informacional. Estamos, sim, ganhando infinitas possibilidades de obter conhecimentos, no entanto, não há garantias de que estamos também ganhando em inteligência. Se a primeira traduz a nossa capacidade de buscar respostas, a segunda traduz a nossa capacidade de elaborar perguntas. Em educação, como bem sabemos, elaborar perguntas é mais importante do que tê-las respondidas. Se as respostas levam ao conhecimento, as perguntas aguçam a curiosidade. Como o velho Einstein dizia, “a curiosidade é mais importante que o conhecimento”. Certíssimo!

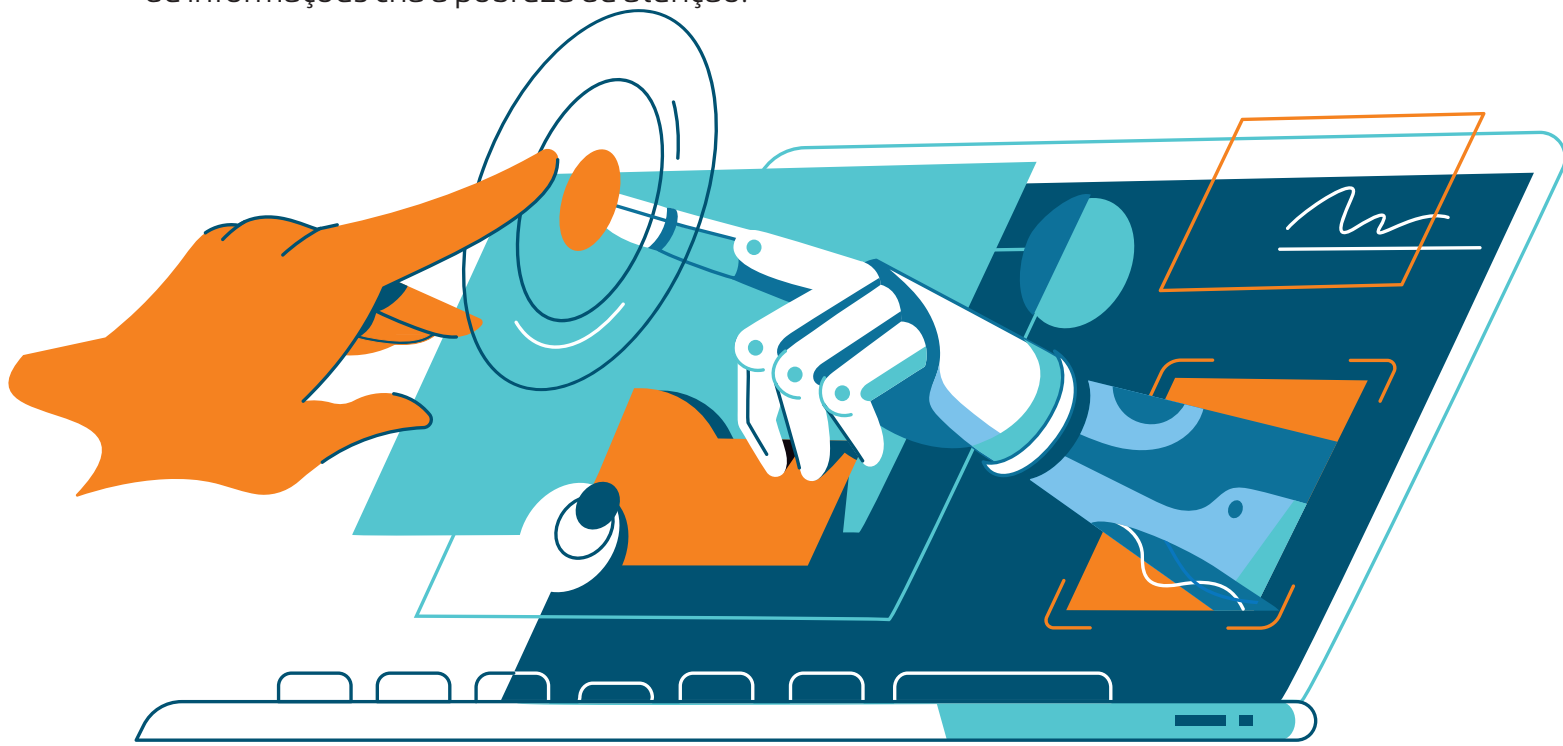
Então vamos à pergunta que importa: quem irá moldar nossa vida, nossos hábitos e desejos?

O que está em jogo agora – muito além do que se passou da revolução industrial para informacional e da informacional para a revolução da vida – é a tecnologia versus a liberdade. Em seu best seller “O mundo que não pensa”, Franklin Foer preconiza a humanidade diante do perigo real da extinção do homo sapiens.

Estamos, hoje, na mão de monopólios, capazes de moldar a humanidade ao seu bel-prazer. As intenções iniciais não eram essas, assim como não foram as de Gutenberg. A princípio, que mais pessoas tivessem acesso às informações reforçando, assim, suas individualidades. Depois, que os indivíduos interagissem e se desenvolvessem ainda mais por meio da colaboração. Ameaçados como estamos pelos monopólios, a IA tende a ser o cérebro universal, com o grave risco da homogeneização forçada.

GAFA é a sigla que os europeus dão aos monopólios, a partir de suas próprias iniciais: Google (do conhecimento); Apple (da tecnologia); Facebook (das conexões) e Amazon (do comércio). São seus algoritmos que recomendam as notícias que lemos, os bens que compramos, o caminho que trilhamos.

No mundo da GAFA, estamos o tempo inteiro sendo distraídos e vigiados. A atenção, nosso ativo mais precioso, está sendo roubada o tempo todo. A riqueza de informações cria a pobreza de atenção.



Faça a sua dieta

A IA ainda faz parte da economia das coisas, tentando invadir o território da economia das gentes. A IA ainda faz parte da economia de fora, tentando exercer influência sobre a economia de dentro. Por sorte e por enquanto, a inteligência artificial não é capaz de substituir o mix de razão, emoção, intuição e criatividade da inteligência natural. Muito menos o de inspirar sonhos, visualizar oportunidades, criar projetos e engajar almas. Esses são dons naturais da economia de dentro e das gentes.

Aliás, a bióloga e neurocientista Suzana Herculano-Houzel diz que a IA nem inteligência é, pois ela define inteligência como a flexibilidade comportamental em prol de valores e preferências. Os algoritmos da IA não têm valores nem preferências. Não sentem nada. Não se alegram nem se entristecem. Não estão nem aí com o futuro.

Afinal, quem irá moldar a nossa vida, os nossos hábitos e desejos? Eis a pergunta-chave que cada um de nós terá de responder intimamente.



Por via das dúvidas, faça dieta! Pessoas esclarecidas cuidam do que levam à boca. Nem tudo o que é saboroso é saudável. Já é de conhecimento geral que produtos industrializados não são os mais recomendáveis para a saúde. Quanto mais próximos da terra, quanto mais naturais, mais apropriados ao organismo humano.

Deveríamos fazer o mesmo com as informações que ingerimos. Fake news, por exemplo, são como produtos industrializados. Não fazem bem ao nosso cérebro e à nossa saúde mental.

Diante do bombardeio de informações diárias das mais variadas fontes, tratemos de selecionar aquelas que nos nutrem e nos fazem evoluir daquelas que são meros entretenimentos, sem propósitos nem significados a não ser os de roubar ou desviar a nossa atenção do que verdadeiramente importa. E o que importa é a vida, vivida plenamente, com sabedoria e entrega.

Benignemos!